

Sobre remediações, rupturas e a emergência de um novo *status* para as bases de dados no jornalismo digital

Suzana Barbosa

Resumo

Este artigo centra a sua abordagem no uso de bases de dados (BDs) no jornalismo digital, identificando perspectivas de mudanças que podem conduzir a um jornalismo digital mais inovador. Aqui, o foco recai sobre as remediações e rupturas para explicar um novo *status* para as bases de dados no jornalismo digital de terceira geração.

Palavras-chave: Jornalismo digital, bases de dados, terceira geração

Introdução

A consolidação da internet como uma nova tecnologia e prática social, caracterizada como um ambiente e sistema de informação, comunicação e ação utilizada pelos diversos sub-sistemas sociais (Palacios, 2003), entre eles o midiático que consolida também uma modalidade diferenciada de jornalismo a partir das redes, favoreceu a emergência de um novo *status* para o uso de bases de dados no jornalismo digital.

Se a aparição das bases de dados como uma ferramenta para o trabalho jornalístico, na década de 70 do séc. XX, representou uma inovação nos modos de obtenção de informação para acrescentar maior contexto e profundidade às notícias e reportagens, três décadas depois, o seu emprego para a gestão de produtos digitais é colocado como potencialmente capaz de conferir o diferencial e a especificidade do jornalismo digital em relação às modalidades tradicionais. Agora, as bases de dados passam a ser consideradas

como um novo formato para o jornalismo digital no seu terceiro estágio de desenvolvimento (1) (Fidalgo, 2003; Machado, 2004a; 2004b; Mielniczuk, 2003).

Esse estágio pressupõe base tecnológica ampliada, acesso expandido por meio de conexões banda larga, proliferação de plataformas móveis, redação descentralizada e adoção de sistemas que permitam a participação do usuário, produtos criados originalmente para veiculação no ciberespaço, conteúdos dinâmicos formatados em narrativas multimídia, experimentação de novos elementos conceituais para organização da informação, assim como de novos gêneros. Como aspecto chave dessa terceira geração tem-se o emprego de bases de dados. São elas que, aliadas à tecnologia internet e ao desenvolvimento de linguagens dinâmicas como a XML (eXtensible Markup Language), vão permitir a estruturação das informações de modo combinatório, apresentando-as de forma mais flexível e conforme os requerimentos do usuário ou dos vínculos ativados por ele na navegação.

Diante dos atributos que catapultam as bases de dados para um novo *status* quanto aos usos e apropriações no jornalismo digital, pode-se considerá-los com potencial para iluminar o caminho no sentido de gerar uma nova metáfora para esta forma de jornalismo (Barbosa, 2004a) para além da já tão conhecida metáfora do impresso ou *broadsheet metaphor* (Eriksen & Ihlström, 2000). Levando em conta que no cenário da sociedade contemporânea ou na cibercultura as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) já alcançaram um alto grau de difusão, ainda que os bolsões de excluídos sejam enormes em várias regiões do mundo e a base infra-estrutural necessite melhorias, a fase de adaptação e familiaridade em relação aos dispositivos e às diferentes formas de se publicar e acessar conteúdos por meio da internet foi vencida, encontrando-se num estágio consolidado para boa parte dos usuários.

Isso colabora, então, para se experimentar com novos formatos de produtos e de narrativas, novos enfoques para os conteúdos, bem como para a sua apresentação e disponibilização.

Por quê remediação?

Ao nos apropriarmos do conceito de remediação (Bolter & Grusin, 1999), o objetivo é mostrar como as bases de dados podem ter seu emprego expandido em função dos desenvolvimentos tecnológicos, em relação ao que até então se fazia e se conhecia, ainda que partilhando de usos e procedimentos anteriores em relação à sua adoção. Conforme demonstrado pelos autores norte-americanos, todas as inovações trazidas pelas novas mídias - cuja característica definidora é a matriz digital - não ocorrem de maneira divorciada em relação aos meios existentes. Ao contrário, as novas mídias "remediam", isto é, melhoram seus predecessores, tanto o jornal, a revista, o rádio, o telefone, a arte, o vídeo, a fotografia, a comunicação face-a-face, os modos de publicar, assim como a experiência social e o espaço urbano.

Para Jay David Bolter e Richard Grusin (1999), remediação ou *remediation* é a palavra-chave para a mídia digital, pois implica o reconhecimento do meio anterior, da sua linguagem e da sua representação social. Desta maneira, todos os meios têm o seu sistema de produção afetado pela chamada nova mídia, que, por outro lado, também permitirá algumas rupturas. A internet, afirmam Bolter & Grusin, remedia todos os meios, melhorando-os em muitos aspectos e acrescentando recursos novos, enquanto a web, especificamente, tem uma natureza remediadora, operando de modo híbrido e inclusivo. A web, dizem os autores, remedia os jornais, as revistas e a publicidade gráfica, tornando as revistas da internet (ou revistas digitais) e os serviços de notícia gêneros importantes e populares (Bolter & Grusin, 1999, p.198).

As bases de dados, mesmo não sendo um meio de comunicação, um espaço visual, social ou urbano, são remediados pelo fato de que a internet vai garantir novas técnicas e linguagens para a sua construção e aplicação, de um lado, como sofrerão remediações em função dos usos e apropriações no jornalismo digital.

Desta maneira, remediação revela-se uma idéia adequada também para compreender o próprio conceito de bases de dados como forma cultural simbólica na contemporaneidade, como defende Lev Manovich (2001). E por quê? Porque nos faz perceber uma ampliação da sua aceção como filosofia para o tratamento de dados como concebido no reino das Ciências da Computação ou como recurso para fornecer melhor contexto às reportagens e qualidade e flexibilidade ao trabalho jornalístico, como empregado na *Computer-Assisted Reporting* (CAR). Segundo argumenta Manovich, as bases de dados se tornam uma forma cultural na atualidade por estarem no centro do processo criativo para a produção da maioria dos objetos da nova mídia em quase todas as áreas, representando o mundo como uma coleção de itens.

Tal lógica está implícita na estruturação de muitos produtos digitais, como um CD-ROM de um museu virtual com sua coleção de imagens para serem acessadas de diferentes modos, ou um *website*, que apresenta uma lista seqüencial de elementos separados: blocos de texto, imagens, vídeos e *links* para outros *sites*. Portanto, para o autor, as bases de dados se tornam o centro do processo criativo do *design* da nova mídia gerando um tipo de narrativa que é construída pela ligação de elementos de uma BD em uma ordem particular. Como as bases de dados atualmente armazenam desde textos a imagens, gráficos e objetos multimídia (som e vídeo), Lev Manovich defende a compatibilidade entre bases de dados e uma forma de estruturação de informações e, ainda, como suporte para construção

de novos modelos de narrativa multimídia e criação de novos gêneros.

Bases de dados e Jornalismo

A utilização de bases de dados no jornalismo ocorre a partir da década de 70 (2), quando as redações começam a ser informatizadas nos Estados Unidos e em parte da Europa. No Brasil, esse processo ocorre nos grandes jornais e revistas (como *Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Veja*, entre outros) na década de 80, enquanto que em publicações regionais, a exemplo dos baianos *A Tarde* e *Correio da Bahia*, acontece de forma tardia, apenas nos anos 90.

Anthony Smith (1980) e Tom Koch (1991) são, certamente, os primeiros a preverem o potencial do uso das bases de dados no jornalismo. À época, ambos se referiam às BDs eletrônicas *online* como sendo os agentes de mudanças fundamentais no processo de coleta, seleção e contextualização das notícias. Também anteviam as mudanças que seriam requeridas dos profissionais jornalistas que precisariam adequar posturas e atitudes diante de uma nova conformidade acrescida ao processo de produção da informação.

Enquanto Smith previu que o uso de várias bases de dados *online* pelas redações de veículos tradicionais, entre o final dos anos 70 e metade dos 80, inclusive incorporando os serviços de videotexto, mudaria o modo como os jornalistas coletavam, sintetizavam e recuperavam as notícias, Koch chegou mesmo a dizer que o melhor modo de descrever o potencial do sistema eletrônico de informação para o jornalismo seria considerar que as bases de dados de informação *online* trariam os benefícios da revolução da imprensa do século XVIII para o jornalismo do século XXI justamente pelo impacto e o nível de mudança que trariam. Segundo Koch (1991, p.66), o sistema permitiria aos jornalistas de diários e semanários não apenas

basear seus relatos sobre “o que foi dito por X”, mas também colocar as declarações num contexto amplo a partir de um trabalho profundo de pesquisa prévio.

No organograma das grandes empresas informativas, as bases de dados passaram a funcionar como estrutura para armazenar as notícias, de um lado, como também passaram a ser um serviço a mais que elas passaram a oferecer aos usuários externos, disponibilizando para eles acesso a textos memorizados, artigos produzidos pelas suas redações ou por outras fontes. Fausto Colombo (1991, p.26) cita o exemplo do serviço *The New York Times Information Bank*, que, na metade dos anos 80, reunia um total de três milhões de documentos.

Com o desenvolvimento da tecnologia para a construção de bases de dados e com o surgimento de uma nova modalidade de jornalismo, nos anos 90, vislumbrou-se novas possibilidades de incorporação das BDs para a criação e gestão de produtos digitais.

Jim Hall (2001) ao discorrer sobre o papel fundamental da notícia como uma das instituições que definem a sociedade da informação, vai afirmar, quanto à característica da interatividade no jornalismo digital, que o uso de bases de dados caracteriza uma das especificidades para esta modalidade de jornalismo. Segundo explica Hall, ao permitir aos leitores acesso direto a BDs de esporte e de estatísticas políticas, uma organização ou operação digital muda radicalmente o relacionamento entre seus jornalistas e os usuários.

“O potencial interativo de tal *site* pode ser empregado para permitir aos eleitores encontrarem precisamente as propostas de tributos dos candidatos que podem afetá-los pessoalmente ou para que eles confirmem a posição e performance do seu time e os detalhes históricos (Hall, 2001:52).”

Stephen Quinn (2002), Raymond Colle (2002), Cláudia Quadros (2004) ao abordarem os aspectos relacionados ao gerenciamento do conhecimento nas redações digitais, colocam as bases de dados como uma das implementações fundamentais. Já Barrie Gunter (2003), no

seu estudo sobre a evolução dos processos de produção, publicação e entrega de notícias empregando sistemas eletrônicos, considera as BDs como agentes fundamentais. Através delas, tanto as organizações jornalísticas, os profissionais do jornalismo, como também os usuários poderiam ter acesso às notícias por meio dos serviços oferecidos por algumas instituições (tanto do setor de comunicação como das instâncias governamentais, da área médica, do direito e da segurança pública).

De acordo com a sua análise, a aquisição e o emprego das bases de dados no jornalismo seguiu a clássica adoção do modelo da curva do "S", utilizado dentro da teoria difusionista para observar o desenvolvimento das inovações tecnológicas. Gunter explica que, nos EUA, as observações sobre o uso de BDs *online* indicam que eles tiveram uma rápida adoção por parte dos jornais, confirmando-os, então, como um padrão crescente, inicialmente, seguido por um período de diminuição quanto ao seu emprego, e voltando a experimentar novo crescimento num momento seguinte.

Um formato para o jornalismo digital

Se nos guiarmos pelo raciocínio de Gunter, poderíamos inferir, portanto, que, o emprego das bases de dados no jornalismo digital se encontra num movimento ascendente da curva do "S" devido ao seu potencial para a gestão de produtos digitais, considerando-se que a sua adoção já é efetiva entre muitas empresas informativas (3) e entre experiências acadêmicas (4).

Neste sentido, pode-se pensar na idéia das bases de dados como agentes com capacidade de se constituírem como uma metáfora para trazer nova luz no sentido de se superar a metáfora do jornal impresso (5) que, desde os primeiros anos de experimentação do jornalismo no suporte digital até agora, permanece sendo a mais

empregada pelos mais diferentes tipos de *sites* noticiosos. A adoção de BDs pode favorecer a inovação, permitindo a exploração de novos gêneros, a oferta de conteúdo mais diverso, a disponibilização/apresentação das informações de maneira diferenciada, mais flexível e dinâmica, além da produção descentralizada - outra das características que o jornalismo digital de terceira geração deve contemplar.

Ao refletir sobre o potencial das bases de dados no jornalismo digital, Elias Machado (2004:02) afirma que elas constituem um formato para esta modalidade. É em consonância com o princípio da transcodificação (segundo o qual todos os objetos da nova mídia podem ser traduzidos para outros formatos) citado por Manovich (2001), que ele defende a hipótese das BDs como forma cultural com estatuto próprio no jornalismo digital. Para o autor, as BDs desempenham três funções simultâneas e complementares: a) de formato para a estruturação da informação; b) de suporte para modelos de narrativa multimídia; e c) de memória dos conteúdos publicados, o que o leva a considerar as BDs como um formato no jornalismo digital.

Machado (2004) argumenta que, de igual modo à narrativa literária ou cinematográfica e a um plano arquitetônico na modernidade, as bases de dados emergem como a forma cultural típica para estruturar as informações sobre o mundo/realidade na cultura dos computadores. Segundo o investigador, a plena incorporação pelas organizações jornalísticas da lógica das bases de dados depende da utilização casada das funções de modelo de estruturação da informação, espaço para criação de narrativas e lugar para a ativação da memória. E, para que o princípio da transcodificação seja aplicável ao jornalismo digital, as BDs devem servir tanto como um espaço para a experimentação de formas diferenciadas de narrativa

multimídia, quanto como uma fonte de atualização do presente vivido à luz da memória armazenada (Machado, 2004:12-13).

O primeiro passo para estabelecer uma estética própria para as organizações jornalísticas, de acordo com Machado, passa, justamente, pela compreensão de que nas novas mídias os elementos constitutivos da narrativa são formatados como bases de dados. Além da compreensão por parte das próprias organizações, acrescentamos que também os profissionais jornalistas devem ampliar o seu entendimento e a sua capacidade cognitiva sobre o potencial das BDs, pois o desempenho das suas funções certamente irá requerer tal conhecimento.

Afinal, afirma Machado, o futuro das organizações jornalísticas nas redes permanece condicionado à capacidade que teremos de traduzir as habilidades potencializadas pelas BDs para automaticamente armazenar, classificar, indexar, conectar, buscar e recuperar vastas quantidades de dados em tipos criativos para narrar, por exemplo, o passado como se fosse um presente projetado em direção ao futuro.

Já para António Fidalgo (2003), a simbiose entre bases de dados e jornalismo é a transformação mais relevante proporcionada pela internet. Por conseguinte, ele considera o jornalismo de fonte aberta (cita como exemplo o www.slashdot.org (6)) como um caso paradigmático de um jornalismo específico sobre bases de dados.

Identificando remediações e rupturas

O emprego e a utilização das bases de dados no jornalismo digital opera remediações nos sistemas de produção, de coleta da informação, no âmbito dos gêneros jornalísticos e da apresentação dos conteúdos. Cabe lembrar uma vez mais: sendo o jornalismo digital uma modalidade que emerge com a internet, ele próprio remediará e será remediado por modalidades anteriores e por

tecnologias como a das bases de dados, assim como irá gerar inovações quanto aos modos de fazer jornalismo através das e nas redes digitais, configurando, então, um cenário de dupla via caracterizado por remediações e rupturas.

Tais rupturas estariam na quebra de um certo padrão até então empregado, as quais são proporcionadas por um grau elevado da potencialização do uso de determinada característica dentre as distintivas do jornalismo digital - hipertextualidade, multimidialidade, interatividade, personalização, memória, atualização contínua/instantaneidade (Bardoel & Deuze, 2000; Palacios, 2002) - e acaba acarretando em uma mudança de funções ou criação de novas possibilidades.

E, conforme assegura Palacios (2002), a conjugação de memória com instantaneidade, hipertextualidade e interatividade, bem como a inexistência de limitações de armazenamento de informação, potencializam de tal forma a memória que é legítimo afirmar: "Temos nessa combinação de características e circunstâncias uma ruptura com relação aos suportes mediáticos anteriores" (Palacios, 2002).

As perspectivas de mudanças ou rupturas se dão em relação à construção das narrativas, concepção e, claro, uso do arquivo, por exemplo. Nas próprias rotinas de produção das informações haverá transformações, bem como na provisão de conteúdos mais originais e variados. Pois, ao lado dos recursos disponíveis para construção de narrativas, a incorporação efetiva dos usuários como colaboradores irá assegurar temáticas diferenciadas para serem exploradas. Isso refletirá, conseqüentemente, no modo como as informações são apresentadas e publicadas.

Na argumentação de António Fidalgo (2003), os produtos jornalísticos digitais assentados em bases de dados distinguem-se entre os demais *online* por não terem edições fixas. E isso ocorre pelo fato de uma edição ser apenas uma configuração possível gerada pelas BDs.

Ao fazer esta afirmação, Fidalgo estabelece a distinção entre um jornal *online* feito apenas em HTML - um produto único ainda que recorra a *templates* ou modelos - e um que use bases de dados. Neste último, diz, o resultado é sempre uma determinada pesquisa dependente do conjunto de notícias inseridas e da estrutura da BD, que determina a forma como as diferentes notícias aparecem conjugadas na apresentação *online*.

O autor aponta, ainda, para a mudança no procedimento do jornalista com relação à incorporação de rotinas de produção descentralizadas, ao acréscimo ilimitado de temáticas abrangidas, à manutenção dos arquivos, pois, conforme pontua, "o passado condiciona e determina o presente na justa proporção em que pode ser recuperado" (Fidalgo, 2003).

Considerações finais e trabalhos futuros

O nosso objetivo nesse artigo foi apresentar uma nova abordagem conceitual para o melhor entendimento sobre o uso de base de dados no jornalismo digital de terceira geração, identificando e apontando perspectivas de mudanças que podem conduzir a um jornalismo digital mais inovador, inteligente. Ao optarmos por abordá-los sob o foco de remediações e rupturas, pretendemos mostrar que os desenvolvimentos ocorridos no ambiente dos *media* a partir da emergência das tecnologias das redes digitais faz com que novas formas e formatos surjam da apropriação de técnicas entre outros recursos. E, neste cenário, um novo conceito de base de dados emerge. Ao lado disso, surge também a necessidade de se pensar numa definição operacional para jornalismo em bases de dados, bem como nos elementos ou noções intrínsecas relativas às funcionalidades das BDs no jornalismo digital de terceira geração. Mas isso é assunto para outro artigo.

Notas

1 A primeira geração é caracterizada pela reprodução dos conteúdos, e, a segunda, mesmo com produtos 'atrelados' ao modelo do jornal impresso, apresenta experiências na tentativa de explorar os recursos oferecidos pela rede (Mielniczuk, 2003). Tal linha evolutiva não é excludente, ainda que demarque períodos distintos desde 1995 até o momento atual. Tampouco pode-se precisar o tempo de duração para cada geração, pois, ainda hoje há vários web sites jornalísticos que operam segundo o modelo da transposição, por exemplo. De acordo com Pryor (2002), a terceira onda ou, para nós, terceira geração, inicia-se em 2001, e o seu desenvolvimento está ainda em processo.

2 Contudo, Barrie Gunter (2003) e Bruce Garrison (1998) afirmam que os jornalistas começaram a usar computadores com o propósito de busca de informação ainda nos anos 50.

3 A *Folha Online* (www.uol.com.br/foi) e o *Terra* (www.terra.com.br), por exemplo.

4 Uma delas é o Projeto Akademia (www.akademia.ubi.pt), Sistemas de Informação e Novas Formas de Jornalismo *Online*, da Universidade da Beira Interior, em Covilhã, Portugal. Trata-se de um experimento de jornalismo de fonte aberta, iniciado em setembro de 2000.

5 Sobre o uso da metáfora do jornal impresso aplicado no jornalismo digital ver o trabalho de Melinda McAdams: *Inventing online newspaper*. In: www.sentex.net/~mmcadams/invent.html, publicado pela primeira vez em 1995 no *Interpersonal Computing and Technology: as electronic journal for the 21st century*. ISSN: 1064-4326, July 1995, v. 3, p. 64-90.

6 Podemos citar também como exemplos os *Centros de Mídia Independente* (<http://www.indymedia.org>), os jornais *OhmyNews* (www.ohmynews.com), *JanJan* (www.janjan.jp), além do *GoKoskie* (<http://mesh.medill.northwestern.edu/gokoskie/>), outra experiência de âmbito acadêmico.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Suzana. *Banco de Dados como metáfora para o jornalismo digital de terceira geração*. In: Anais VI Lusocom, (CD-ROM), Covilhã, Portugal, Abril, 2004a. _____ . *Identificando remediações e rupturas no uso de bancos de dados no jornalismo digital*. In: Anais do II SBPJor. Salvador-BA/Brasil, 2004b.
- BARDOEL, Jo & DEUZE, Mark. *Network journalism: converging competences of old and new media professionals*. In: <http://home.pscw.uva.nl/deuze/pub19.htm> . Acesso em 13/10/2000.
- BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. *Remediation: Understanding new media*. Cambridge: The MIT Press, 2000.
- COLLE, Raymond. *Explotar la información noticiosa. Data mining aplicado a la documentación periodística*. Madrid: Departamento de Biblioteconomía y Documentación, Universidad Complutense de Madrid, 2002.
- COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ERIKSEN, Lars Bo. & IHLSTRÖM, Carina. *Evolution of the web news genre – The slow move beyond the print metaphor*. In: Proceedings of 33' Hawaii International Conference on Systems Science. IEEE Press, 2000. Disponível em: www.computer.org/proceedings/hicss/0493/04933/04933014.pdf. Acesso em: 01/03/2004.
- FIDALGO, António. *Do poliedro à esfera: os campos de classificação. A resolução semântica no jornalismo online*. In: Anais do II SBPJor. Salvador-BA/Brasil, 2004.

- _____. *Sintaxe e semântica das notícias on-line. Para um jornalismo assente em base de dados*. In: FIDALGO, António; SERRA, Paulo (Orgs.). *Informação e Comunicação Online. Jornalismo Online*. Volume 1. Covilhã: Universidade da Beira Interior/Portugal, 2003.
- GARRISON, Bruce. *Computer-Assisted Reporting*. London: LEA Publishers, 1998 (2ª ed.).
- GUNTER, Barrie. *News and the net*. Mahwah, New Jersey, London: LEA, 2003.
- HALL, Jim. *Online journalism. A critical primer*. London: Pluto Press, 2001.
- KOCH, Tom. *Journalism for the 21st Century. Online information, electronic databases and the news*. New York: Praeger, 1991.
- MACHADO, Elias. *Banco de dados como formato no jornalismo digital*. In: Anais VI Lusocom, (CD-ROM), Covilhã, Portugal, abril, 2004a.
- _____. *O banco de dados como espaço de composição de narrativas multimídia*. In: Anais do II SBPJor (CD-ROM). Salvador-BA/Brasil, 2004b.
- _____. *A Intranet como Modelo de Gestão no Jornalismo Digital*. In: Pauta Geral Revista de Jornalismo. Ano 11 – Nº 6. Salvador: Calandra, 2004c.
- MANOVICH, Lev. *The language of new media*. Cambridge: MIT Press, 2001.
- MIELNICZUK, Luciana. *Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual*. (Tese de doutorado). FACOM/UFBA, Salvador, 2003.
- PALACIOS, Marcos. *Internet as system and environment in cyberspace: Preliminary ideas from ongoing research*. In: *Triple C* 1 (2): 95-104, 2003. Disponível em: <http://triplec.uti.at/articles>. Acesso em: 23/11/2003.
- _____. *Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate*. Paper apresentado no painel Informação e Jornalismo no evento Jornadas sobre jornalismo online, Universidade da Beira Interior, Portugal, Junho, 2002.
- PRYOR, Larry. *The third wave of online journalism*. *Online Journalism Review*, 18/abril. In: www.ojr.org/ojr/future/1019174689.php . Acesso em 28/10/2003.
- QUADROS, Cláudia. *Jornalismo e base de dados para gerar conhecimento*. In: Anais do II SBPJor (CD-ROM). Salvador-BA/Brasil, 2004.
- QUINN, Stephen. *Knowledge management in the digital newsroom*. London: Focal Press, 2002.
- SMITH, Anthony. *Goodbye Gutenberg: The newspaper revolution of the 1980s*. New York: Oxford University Press, 1980.

Suzana Barbosa é Jornalista. Doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas, com o projeto "O uso de bases de dados no jornalismo digital de terceira geração", orientado pelo Prof. Dr. Marcos Palacios. Membro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online da FACOM/UFBA. Atualmente, cumpre estágio de doutoramento no Laboratório de Comunicação Online/LabCom da Universidade da Beira Interior (UBI), supervisionado pelo Prof. Dr. António Fidalgo. Bolsista CAPES. E-mail: suzana.barbosa@gmail.com .